

15 JUL 1998

COISAS DA POLÍTICA

■ ROSÂNGELA BITTAR

FH: o que importa é...

Tão surpreso quanto os jogadores com as milhares de pessoas que foram às ruas e à Praça dos Três Poderes, ontem, em Brasília, para aplaudir a Seleção, o presidente Fernando Henrique Cardoso desqualificava, com vigor, nas conversas com os convidados para a recepção ao time, a tese de que a onda de pessimismo provocada pela derrota teria reflexos na campanha de reeleição.

"Olha lá o pessimismo!", ironizava, apontando, pela janela, a multidão em frente ao Palácio do Planalto.

O povo, segundo o presidente, não é pessimista nunca. "Em 15 dias a tristeza passa, o povo tira isso de letra", previa, recusando-se a estender, por absurdo, um exercício de sociologia eleitoral sobre aquela cena. Ali, de pé, no calor da emoção, o presidente foi taxativo: "A campanha não tem nada a ver com isso. O importante não é isto."

Não? Então, se não a frustração com o futebol, o que poderia de fato influenciar corações, mentes e humores com relação ao candidato que está no governo?

"O que importa é não permitirmos a volta da carestia. O que importa é o emprego. O que importa é o povo perceber que não há corrupção no governo", disse Fernando Henrique, de um só fôlego, dando a síntese de três pontos que podem mover o discurso, o programa e as promessas do candidato que entra agora em campo.

A derrota na Copa nada tem a ver com a campanha, e o presidente fez questão de receber os jogadores e a comissão técnica como se campeões tivessem sido. "Nós fomos quatro vezes campeões neste século, eles foram uma", disse, sobre a França, sem maiores constrangimentos diplomáticos apesar de estar fazendo uma festa brasileira no 14 de julho, a data nacional do país que disputou a final com o "melhor do século". "Nosso destino é vencer", repetia.

Em clima de alegria, solidariedade e admiração, o poder se curvou à Seleção, apesar de tudo, ou "mesmo assim", como repetia um dos humildes admiradores da Seleção ao exaltar a beleza da festa.

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, fez questão de esclarecer mal-entendidos sobre o apreço que não nutre pelo presidente Fernando Henrique. Disse que tudo o que foi publicado sobre sua resistência a levar os jogadores ao encontro do governo não passou de invenção de um jornal. Atendeu a todos, solícito, e contou mil vezes, em detalhes, o mal-estar que sentiu Ronaldinho, assunto dominante antes e depois das homenagens. Foi impressão unânime: o jogador estava ainda muito comalido.

Ricardo Teixeira assegurou que Ronaldo quis jogar a final. Quando pediu para ser escalado, foi aplaudido pelos demais jogadores que, assim, manifestaram uma espécie de concordância implícita. Dois médicos consultados naquele momento — um de Paris e outro do Rio —, segundo informou o presidente da CBF ao governo, disseram que o jogador poderia entrar em campo sem problemas. E assim foi feito, justificou.

Todos os ministros, inclusive os militares, o vice-presidente Marco Maciel, o presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães, primeiros, segundos e terceiros escalões do governo participaram da festa do lado de dentro do Palácio, enquanto a multidão se aglomerava do lado de fora embora não fosse feriado, nem ponto facultativo e não se tratasse de um time campeão.

O presidente, acompanhado por grande comitiva de governo, levou os jogadores ao Parlatório, elevado de onde podiam descortinar a praça e serem vistos pelo povo. As autoridades do governo não subiram, aglomerando-se na rampa escondida por trás daquela espécie de pódio. Passando pelas autoridades, rumo ao ônibus que os levaria de volta ao aeroporto, vários jogadores paravam para cumprimentar ACM, que de lá saiu aos prantos. Todos que com ele falavam se referiam a Luís Eduardo, seu filho morto há quase três meses.

"Parabéns pela sua fibra", disse o senador a Zagallo. "Não se pode falar em fibra diante do senhor", respondeu o técnico. Dunga abraçou demoradamente o senador e com ele conversou por alguns minutos. Deixou-o enxugando os olhos. Calorosos também foram os quatro conterrâneos do senador na Seleção.

Júnior Baiano estalou dois beijos na bochecha de ACM e cochichou em seu ouvido: "Trouxe um presente para o senhor, mas ficou na mala." Marco Maciel estava ao lado, ouviu, contou e se divertiu. O vice-presidente também exaltava a generosidade do povo, citando máxima que lhe foi dita por um dos jogadores mais aplaudidos pelos torcedores. Nesta troca de, digamos, experiências entre o governo e o esporte, Denílson lhe disse: "O povo compreende."

E ninguém realmente fez reparos a nada. Muito menos à condecoração com que Fernando Henrique presenteou a Seleção vice-campeã, a Medalha da Ordem Nacional do Mérito, a mais importante do Brasil. A Seleção tetracampeã de 1994 recebeu apenas medalha de menor diâmetro cívico. Fernando Henrique saiu da festa de ontem diretamente para Belo Horizonte, onde o aguardavam um congresso de municípios e, a julgar pelas medidas preventivas da Casa Militar da Presidência da República, que reforçou a segurança, protestos e agressividade de militantes do PSTU. Amanhã, viajará a quatro cidades da Paraíba, sábado fará grande comício no ginásio Gigantinho, de Porto Alegre. Seleção dispersada, fim de férias da Copa, o presidente-candidato caiu imediatamente na dura realidade da campanha.

**Seleção dispersada,
fim de férias da
Copa, o presidente-
candidato caiu
imediatamente na
dura realidade da
campanha**